

## A constituição social da categoria *caranguejeiro* entre os Potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB

Marianna de Queiroz Araújo

Mestre em Antropologia (PPGA/UFPB)  
Universidade Federal do Rio Grande Grande  
mariannaqueirozaraujo@gmail.com

### RESUMO

Entre os Potiguara da aldeia Jaraguá, *caranguejeiro* é assim conhecido o indivíduo que coleta caranguejo no mangue. Os *caranguejeiros* detêm o conhecimento da técnica de captura do crustáceo e conhecem o território, assim como o funcionamento das marés, consideram que sua identidade não é definida apenas pela prática da coleta, ou seja, não são meros critérios econômicos, para além deles estão os saberes, fazeres e moralidades, que dizem respeito às maneiras de se comportar no *ambiente*. Esse conjunto de elementos que constituem a categoria *caranguejeiro* se relaciona ao campo da transação de conhecimentos, transmitida de pai para filho enquanto elementos compartilhados e construídos socialmente.

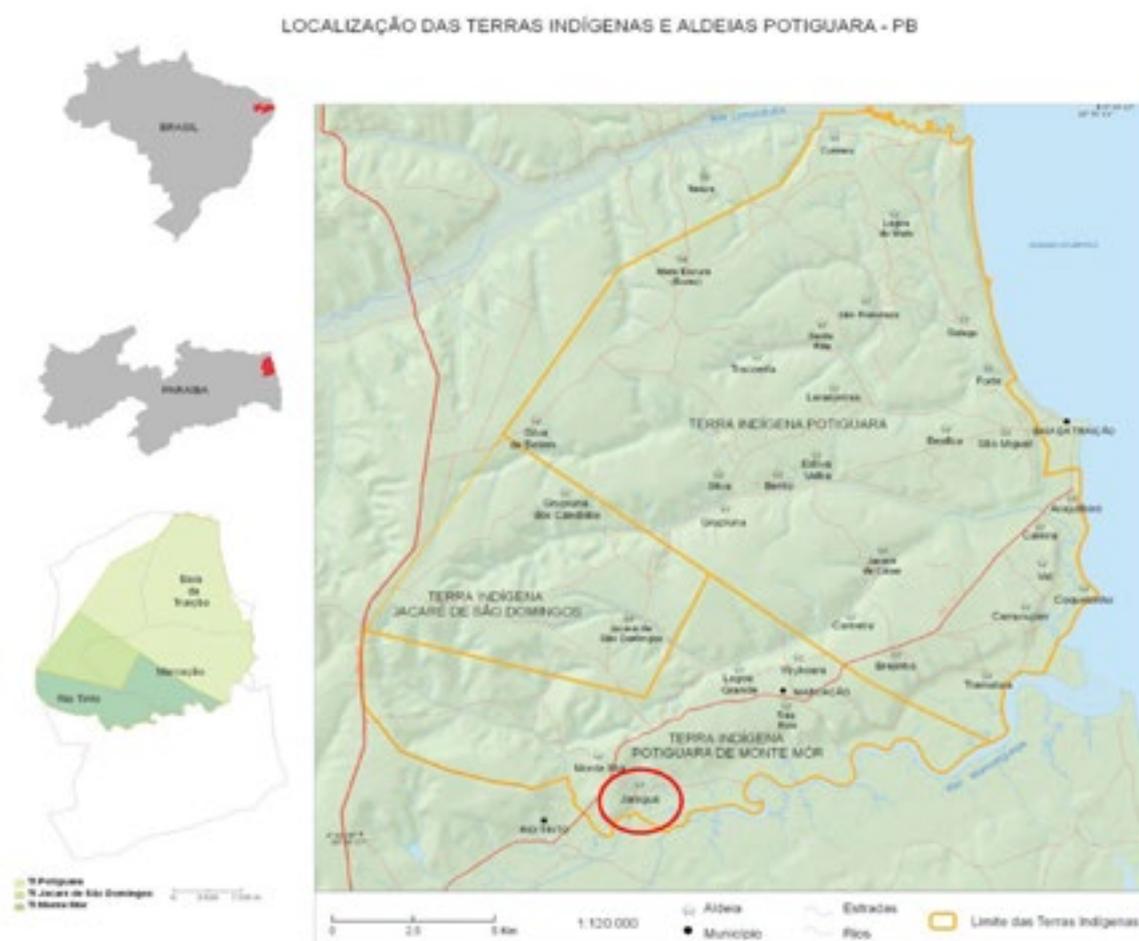
**Palavras-chave:** *Caranguejeiro*; Etnologia Indígena; Identidade; Indígenas Potiguara; Território.

### Introdução

O presente artigo busca analisar o significado da categoria de *caranguejeiro* entre os Potiguara da aldeia Jaraguá, que pertence à terra indígena de Monte-Mór, procurando definir critérios e competências voltadas a esta categoria, principalmente numa perspectiva que podemos definir como ecológica. Significa dizer que se busca compreender as habilidades com as quais os *caranguejeiros* lidam com as características ambientais.

As questões desenvolvidas neste trabalho fazem parte de um conjunto de situações e circunstâncias ocorridas ao longo de minha trajetória acadêmica.

Meu trabalho de campo na aldeia Jaraguá se iniciou no ano de 2012, durante a graduação em Antropologia. Partindo dessa circunstância, e considerando a quantidade de informações obtidas na monografia de graduação, senti a necessidade de dar continuidade a esses estudos também no mestrado, direcionando o meu foco de análise na relação existente entre os Potiguara e os diversos *ambientes*. É diante desse contexto de pesquisa que o trabalho se insere enquanto recorte da minha dissertação defendida no âmbito do Programa de Pós Graduação em Antropologia em Agosto de 2017.



Mapa 1: Localização das terras indígenas e aldeias Potiguara. Fonte: CARDOSO e GUIMARÃES, 2012.

Os Potiguara ocupam o litoral atlântico do estado da Paraíba, inserido na foz do rio Camaratuba e foz do rio Mamanguape, tendo como limite norte o município de Mataraca e ao sul o de Rio Tinto.

O território de aproximadamente 33.757, 7329 hectares<sup>1</sup> apresenta resquícios de mata atlântica, tabuleiros costeiros, com solo argiloso-arenoso, de coloração escura e relevo suavemente ondulado.

A presença dos Potiguara se dá distribuída em 32 aldeias, pertencentes a três terras indígenas contíguas<sup>2</sup> localizadas nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto. Há ainda aqueles que vivem em outras cidades como Mamanguape e João Pessoa, ou em estados como Rio Grande do Norte e até mesmo no Rio de Janeiro e São Paulo.

Tomarei como referência empírica a dinâmica dos *caranguejeiros* da aldeia potiguara Jaraguá que pertence ao município de Rio Tinto. Esta aldeia está imersa em uma área de várzea, que apresenta uma vasta extensão de manguezal, com pequenos resquícios de mata atlântica. Devido a uma grande abundância de água doce e salgada na região, a pesca e a coleta de crustáceos se torna a principal atividade econômica. É certamente devido a isso que os *caranguejeiros* têm um conhecimento tão grande e rico em relação a essa prática e ao ambiente em que ela é desenvolvida.

Os *caranguejeiros* são os trabalhadores que coletam caranguejos, podendo ser homens e mulheres adultos e até mesmo crianças. Muitos *caranguejeiros* são também indígenas potiguara. Essa categoria se expressa nas representações e está relacionada com a percepção dos indivíduos quando estes se autodefinem enquanto detentores de um saber que possui um significado para a vida social.

Essa categoria identitária é acionada conforme o contexto, o que confirma algumas das colocações de Fredrik Barth (2000). Neste seu trabalho, fundamental para a análise das relações entre indivíduos e grupos, na conformação de suas identidades, Barth afirma que os grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras que organizam a interação entre as pessoas.

Cada grupo étnico pode variar tanto o seu modo de organização social quanto as formas de articulação interétnica, dependendo do contexto em que se encontram. Por essa razão é preciso entender o grupo não na sua origem,

mas no processo, como nos indica Fredrik Barth (*op. cit.*), através de sinais como memória, organização política que são consequências elaboradas no tempo e no espaço.

Os catadores de caranguejo, autodefinidos *caranguejeiros*, realizam suas atividades ao longo de todo o ano no mangue, região entre o rio e o mar que está sujeita aos regimes das marés. Essa atividade é desenvolvida em um *ambiente* específico e por essa razão se relaciona a diversos níveis de mobilidade.

Antes de darmos continuidade a esta discussão, precisamos apresentar o conceito de *ambiente*. A noção de *ambiente* não leva em conta apenas as características ecológicas que definem e distingue um *ambiente* de outro. Esta categoria, muito relevante em minha argumentação será entendida de uma forma mais abrangente; adotaremos, portanto, o sentido defendido por Alexandra Barbosa da Silva, que parte do

sentido socioecológico, compreendendo uma infraestrutura material (as instalações físicas: construções, caminhos, cercas, árvores, pastagens, ruas, praças etc.) específica, pondo à disposição dos sujeitos determinados recursos e permitindo o desenvolvimento de determinadas atividades, as quais, embora características, podem não ser exclusivas. Assim, o ambiente é um espaço físico de relações, unidade constituinte de um território” (SILVA, 2009, p.88).

Para a autora, *ambiente* não é apenas um espaço físico, inclui como componente a relação com o território, ou seja, a área onde os grupos vivem e se relacionam. Nesses termos, o grupo que pertence a um território, portanto, o é justamente porque se desenvolve em interação com seu ambiente.

A reflexão que orienta este trabalho pode ser melhor compreendida se tomarmos de início, que a atividade de coleta do caranguejo é possibilitada, em última análise, pelo conhecimento que os *caranguejeiros* constroem sobre o *ambiente* em suas rotinas diárias. Neste sentido, busco identificar e compreender as implicações desta relação, sobretudo no que se refere ao cotidiano, que se manifesta sob a forma de compartilhamento do saber entre homens, mulheres e crianças.

## A cata do caranguejo enquanto atividade de provimento econômico e identitário

Os *caranguejeiros* coletam os crustáceos no manguezal, um ecossistema costeiro que ocorre na transição entre a terra e o mar em regiões tropicais e subtropicais, ocupando *ambientes* inundados por marés, tais como: estuários, lagoas costeiras, baías e deltas. Viver do mangue/maré significa estabelecer comportamentos e rotinas diárias entrelaçadas com este *ambiente* (ARAÚJO, 2017).

O mangue é um “meio de vida”, é o *ambiente* no qual se realiza a principal atividade produtiva local: a coleta de peixes, crustáceos e moluscos, sendo o espaço do qual uma parcela dos moradores da aldeia dependem para gerar recursos. Os *caranguejeiros* possuem um conhecimento muito apurado desse *ambiente*, por essa razão são capazes de localizar os animais e desenvolver técnicas eficientes para capturá-los. O manguezal não deve ser visto exclusivamente como mero espaço físico, é um espaço social que envolve diferentes ordens, visto que implica em relações fruto da interação entre seres humanos e não humanos, e elementos físicos e químicos.

Tomando as afirmações de um de meus interlocutores que se autodefine *caranguejeiro*, tem-se o seguinte significado: “*Caranguejeiro* é quem cata caranguejo. É quem sabe catar com a mão, o verdadeiro *caranguejeiro* não usa luva” (Silvinha. Entrevista concedida em Fevereiro de 2013).

Os critérios de competência e saber aparecem como explicação para essa categoria. Os atores sociais que se autodefinem *caranguejeiros* são aqueles que detêm o conhecimento da técnica de captura do crustáceo e que conhecem o território e os ciclos da maré. Para qualquer tipo de pesca é preciso saber o movimento da maré, nesse sentido, a percepção que os *caranguejeiros* possuem das regularidades cíclicas se torna crucial para o sucesso das coletas.

Os *caranguejeiros* percebem a variação das marés ao longo de um ciclo mensal e diário, compreendendo que esta variação se dá em relação à força da lua. As luas são denominadas de nova, crescente, cheia e minguante. Estas fases da lua estão associadas aos fenômenos cíclicos mensais da maré, denominados de *maré grande*, quando a lua é nova ou cheia; e *maré morta*, quando a lua está na fase crescente ou minguante.

Durante o dia observam-se as fases da maré, assim denominadas: *cheia*, quando em seu ponto máximo de altura; *vazante*, em processo de diminuição; *vazia*, quando no ponto máximo de seca; e *enchente*, em processo de crescimento. O movimento das marés corresponde a dois processos. O primeiro e mais longo deles se refere às alternâncias cíclicas semanais, enquanto o segundo se refere às alternâncias num período de um dia e noite. No período de *maré grande*, o volume de água é aumentado e diminuído em toda a sua capacidade. Em períodos de *maré morta*, não há muita variação, a maré não enche e nem vaza totalmente, não alagando completamente o mangue.

No caso referido à realidade observável no presente artigo, o conhecimento não é somente no campo das técnicas de coleta do caranguejo, é também no campo do conhecimento do *ambiente*. Esse processo de acumulação do conhecimento através das gerações é transacionado no seio dos *grupos domésticos*<sup>4</sup>. Os saberes e fazeres adquiridos sobre o mangue são transmitidos de pai para filho. A partir do nascimento, a criança é inserida num contexto doméstico que se torna responsável pelos seus cuidados físicos, emocional, moral e cultural. Nesses termos, a autodefinição *caranguejeiro* é compreendida a partir de um saber construído socialmente e pressupõe um conhecimento específico do território, os *caranguejeiros* conhecem o mangue e não precisam usar GPS para localização.

O mangue é constituído por *lugares* ou *setores*, designados de acordo com suas características físicas e acontecimentos, há *o mangue mandioca mole*, *o mangue pé cortado*, *o mangue monte caído*, entre outros: “É bem assim, onde trabalhou fulano? Trabalhei o zé Lopes, já nasci escutando esses nomes (...) E tem as garças, camurinzinho, costela. E assim a gente sabe pra onde ir e também não se perde, quem já conhece, né?” (Silvinha. Entrevista concedida em Dezembro de 2016).

Foi possível identificar que os *caranguejeiros* conhecem muitos *setores* do mangue, de dia ou de noite eles conheciam as áreas de coleta, demonstrando um conhecimento que foi aprendido, e que de certa maneira acaba sendo um critério importante para a constituição da categoria de *caranguejeiro*. Realizam as atividades individualmente ou em parceria, geralmente com um parente próximo, como pai e filho, ou irmãos, e a produção é dividida em partes iguais. Os caranguejos são vendidos na própria aldeia, ou na feira local quando a produção

é maior.

O caranguejo *uçá* (*Ucides cordatus*) (ou *sal*, como comumente chamam) assim como o *goiamum* (*Cardisoma guanhumí*) são capturados no mangue durante o ano todo. No entanto, na época de *andada* (janeiro, fevereiro e março) período reprodutivo em que os caranguejos machos e fêmeas saem de suas tocas para o acasalamento e andam pelo manguezal, a frequência deles é maior em razão da reprodução principalmente do caranguejo *uçá*. No discurso de Silvinha (entrevista concedida em Abril de 2012),

Silvinha: O caranguejo anda, ele anda uns quatro dias, a *andada* é grande... qual-quer um pode pegar.

M.: Como vocês sabem que é época de *andada*?

Silvinha: A gente sabe mesmo quando chega o tempo do caranguejo andar, desde de menino a gente na maré a gente sabe. Tem três *andada*, janeiro, fevereiro e março. Ele já andou uma em Janeiro... a de fevereiro é a mais forte, é essa agora que o caranguejo vai lavar as ovas... que eles anda por cima da croa (banco de areia) pra o caranguejo lavar as ova, ela vai lavar pra produzir, essa última *andada* não deu muito não, porque não foi de produção, foi só pra emprenhar ela pro caranguejo cruzar com ela, essa *andada* já é pra desova que ele pega agora é pro outro ano já fica dentro dela... a que não lavar agora na outra lava, a outra *andada* ninguém pega muito, é fraca, é *andada* escondida.

Como pude observar no momento da captura, os *caranguejeiros* pegavam os caranguejos pelas costas, assim as pinças não alcançam a mão. Os *caranguejeiros* não realizam esse trabalho apenas com sua força física, mas sobretudo a partir das técnicas corporais que demandam baixa mobilização de força motriz e que permite ter o corpo como principal instrumento de trabalho, seja ao se baixar para pegar o caranguejo na croa ou caso esteja escondido nos buracos na lama. Os *caranguejeiros* enfiam a mão no buraco procurando as raízes, eles sabem que o caranguejo se posiciona de lado, e assim vão apalpando até encontrar suas costas puxando-os pelas patas traseiras. O caranguejo quando está no buraco tem seus movimentos comprometidos o que torna mais difícil a sua defesa.

Também existe a técnica do *tapado* que consiste em tampar com lama o buraco do caranguejo, depois de algum tempo, os crustáceos começam a subir

e a pessoa pode colocar o braço e puxá-lo:

O *caranguejeiro* pega de mão ou tampando o caranguejo, desce aquela lama lá pra baixo, aí tampa, pisa no buraco, aí ele fica sem fôlego, aí vem furando a lama quando chega em cima é a hora que você vai arrancando o caranguejo, o braço vai buscar ele. Mas na maré grande bota a redinha, na maré morta que enxuga o mangue que se usa o tampado. (Silvinha. Entrevista concedida em Dezembro de 2016)

A coleta de caranguejo é feita com as mãos principalmente na época de *andada*, em razão da grande incidência dos crustáceos, os *caranguejeiros* costumam dizer que os caranguejos ficam bêbados, tornando mais fácil a coleta. A captura do caranguejo no período de *andada* é fiscalizada pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), pois a cata indiscriminada produz impactos ambientais, é proibida a cata das fêmeas, os *caranguejeiros* ditos tradicionais, aqueles que vivem do manguezal há gerações, são conscientes e concordam com a necessidade de impor limites à coleta. Só assim podem garantir a manutenção do recurso de que dependem.

Entre as armadilhas utilizadas tem-se a *redinha*, a qual é proibida pelo IBAMA, pois causa impacto à população de caranguejos. A técnica funciona da seguinte forma: coloca-se a *redinha* na toca do caranguejo que ao sair, prende-se à armadilha. Já para capturar o caranguejo *goiamum*, que é o mais apreciado, e que tem maior valor comercial, se usa a *ratoeira*, que é feita de garrafa PET, coloca-se a isca, que pode ser pedaço de abacaxi ou cebola, algo que tenha o cheiro forte, quando o *goiamum* entra na *ratoeira* atraído pela isca, o gatilho é disparado e o prende, esse processo pode levar horas, então, o mais usual é que se armem as *ratoeiras* em um dia para no outro ir coletá-las. Em média, uma pessoa distribui entre dez e vinte *ratoeiras* por dia. Silvinha falou sobre as técnicas de captura do caranguejo:

Um cara chamado Coronel é quem ainda pega tampando, mas na maré grande ele bota a redinha, na maré morta que enxuga o mangue ela tampa, porque pra redinha tem que ter água porque se tiver seca o caranguejo não se enrola não. Na redinha, o cabra bota a redinha dentro da água, bota dois caninho pra segurar no buraco do caranguejo, empurra dentro do buraco só um pouquinho,

quando ele vem subindo se enrola nos fiapos, ele se enrola dá uns nó, e quando vai tirar ele tem que cortar. Só que eu não concordo eles usar e deixar lá, chega fica aquele gormeiro branco, eu mesmo tiro quando eu vejo, e queimo todo o lixo, porque se deixar vai contaminando. (Silvinha. Entrevista concedida em Março de 2017)

Tem-se o discurso de que a qualidade do trabalho melhorou com introdução das *redinhas*, sendo possível coletar uma maior quantidade de crustáceos em uma menor quantidade de tempo, não sendo preciso ficar à procura dos crustáceos enterrados na lama, já que se distribuem as *redinhas* para depois coletá-las. Além disso, os acidentes de trabalho a exemplo de cortes e machucados com as raízes onde se incrustam ostras também diminuem. Na fala a seguir, o senhor Zé Boto explica as diferenças de captura:

Antes o catador de caranguejo andava tudo pelado, eles iam com os shorts feito de saco de açúcar, era aquele magote (amontoado) de canoa, eu vou ficar aqui, cada um no seu canto, o creme que eles usavam era óleo de comida com querosene, aquilo queima a pele rapaz! Botava no vidro de perfume, quando tirava a roupa passava, o mosquito ali não encostava por conta do cheiro do querosene, dali por diante botava a mão no buraco do caranguejo, hoje diminuiu, hoje é a tal de *redinha*, o *goiamum* não cai na *redinha* ele corta todinha, porque as pinças é tudo cheia das serrinhas, e o caranguejo *sal* é liso, aí pega (Seu Zé Boto, Entrevista concedida em Dezembro de 2016)

Com o passar do tempo houve uma alta incidência de coleta de caranguejo *uçá* com as *redinhas*, essa inovação técnica não é de tipo industrial, as “*redinhas*” não são confeccionadas para venda, sem falar que não são onerosas, essas armadilhas são confeccionadas com sacos de ráfia desfiados e trançados, material de fácil acesso, se tornando mais eficientes em termos técnicos do que a cata com as mãos.

Avaliar se é mais oportuno capturar o crustáceo *de mão* ou produzir uma armadilha. Esse tipo de escolha técnica será sempre movido pela busca de uma maior *eficácia*. Nesse sentido, a tomada de decisão quanto ao uso da *redinha* se constitui em uma *tendência técnica*, nos termos elaborados por Leroi-Gourhan (1993). Segundo o autor francês, a *tendência técnica* seria um conceito abstrato voltado a entender efeitos causais de ação do homem sobre a matéria, em ter-

mos de *eficácia*; ela teria um caráter inevitável e seria previsível e retilínea. Nesses termos, a *tendência técnica* indicaria como, a partir da aquisição de conhecimentos matemáticos, químicos e físicos adequados, tende-se progressivamente ao aumento da *eficácia* da ação técnica desejada.

Em um artigo intitulado de “De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de antropologia da técnica e da tecnologia”, publicado na revista Horizontes Antropológicos, o antropólogo Fabio Mura faz um levantamento bastante pertinente na questão tocante a nossa análise. Neste texto o antropólogo nos apresenta o que entende por processo técnico:

(...) será o resultado da concatenação causal das Performances de sujeitos diversificados (considerando tanto a posição social que ocupam, quanto a competência que manifestam), que interagem entre si, permitindo a configuração de sistemas sociotécnicos. Esses sistemas revelam-se, portanto, construídos e não predefinidos; não são expressão de totalidades tais como etnias, tecnologias ou uma visão simbólica. Eles são o resultado de um jogo de forças exercidas por interesses diversificados de sujeitos que podem pertencer a famílias, grupos sociais e étnicos diferentes, manifestando visões de mundo, competências e objetivos técnicos diversificados e, às vezes, divergentes. Nesse entender, os sistemas sociotécnicos estão em contínua transformação, sendo abertos e apresentando certo grau de desordem, como já apontava Barth (2000) ao analisar a estrutura da ação social (MURA, 2011, p.114).

O comportamento operatório (LEROI-GOURHAN, *op.cit*) segue a mesma perspectiva, ou seja, é resultante de um certo aprendizado proveniente da experiência. Assim, deve ser interpretado de maneira dinâmica e intimamente correlacionado a fatores que se orientam por conhecimentos específicos, mecânicos, físicos e químicos permitindo que os seres vivos desenvolvam sequências de ações em *cadeias operatórias*, onde reagem ao meio (luz, frio, calor), por meio de ações mecânicas que exigem certa adaptação, que articula os elementos materiais com as formas de ação humana.

A relação entre a circulação dos conhecimentos, as experiências geradas e o território, que toma em conta a interação dos *caranguejeiros* e suas escolhas técnicas, depende de uma situação territorial ampla que nos leva a considerar a *disponibilidade* de materiais que o território oferece e sua *acessibilidade* (MURA, 2000).

## De acordo com Mura

Temos que considerar as condições que se dão para a formação de conjunturas que permitam uma dialética entre disponibilidade/acessibilidade e as decisões tomadas pelos interessados no processo tecnológico. A tomada destas decisões depende muito dos valores atribuídos pelos atores sociais à moradia, ao mundo material e ao tempo. (...) A disponibilidade de materiais e sua acessibilidade no território influenciam tanto as condições do mesmo território quanto as possibilidades de tomadas de decisão do ator social que pode, em diferentes níveis, participar deste processo. Neste sentido, a interação do cenário –enquanto fins, planos e expectativas–, com o binômio disponibilidade/acessibilidade, determinará o que definiremos como um repertório de possibilidades. (MURA, op.cit., p. 66)

Nesse sentido, além da *tendência técnica* se faz necessário buscar o sentido das concatenações técnicas a partir de contextos específicos construídos a partir de múltiplas causas, buscando-se apreender a complexidade e a heterogeneidade que esses referidos contextos manifestam, devendo existir uma combinação apropriada de *disponibilidade* e de *acessibilidade*.

A *redinha*, embora bastante utilizada na aldeia Jaraguá, vem sendo contestada. Existe um discurso moral por parte de alguns Potiguara e de órgãos fiscalizadores de que o uso desta armadilha está ameaçando o mangue e levando à escassez dos crustáceos. Na maioria das vezes, após o uso da *redinha*, restos de plástico ficam no mangue; como o material utilizado para a feitura é de difícil deterioração, esse fato ocasiona a poluição do ambiente. O impacto é sentido pelos moradores, que destacam a diminuição dos caranguejos e acionam o IBAMA, ressaltando a importância das fiscalizações. Como, por exemplo na fala da liderança de uma aldeia Jaraguá:

A maioria da minha família é de *caranguejeiro*, aí vamos fazer uma reunião pra parar com a *redinha*, por uma parte é bom, agora por outra, né? Como agora vão pegar de mão, que é mais trabalhoso. A *redinha* prejudica o mangue, porque vamos dizer assim eles botam umas seiscentas redinhas, eles não tiram seiscentas, tiram quatrocentas, e as outras *redinhas* ficam pra lá, o plástico das redinhas fica pra lá no mangue, eles não tiram tudo por causa da maré, tem vez que não dá tempo não, porque quando chega a maré está seca, né? Aí tem que botar, aí quando a maré vem enchendo, aí quando vão colher não dá tempo de pegar tudo não. E se deixar lá pra pegar outro dia, o Guaxinim come o caranguejo

deixa só os peito. A *redinha* veio ser usada de uns tempos pra cá, no começo não era com *redinha* não, aí tinha mais caranguejo. Quem trouxe pra cá foi um cabra que veio lá de Natal aqui pra Porto Novo (área de pesca) aí começou a mostrar aos meninos, pronto. (Entrevista concedida em Janeiro de 2017)

De acordo com Lemonnier (1993), a *escolha técnica* é a análise do processo de seleção de um recurso técnico, elaborado localmente ou adquirido de fora, mediante sua ação sobre a matéria. No decorrer desses processos de seleção, novos objetos técnicos são inseridos como processos sociais no sentido amplo. Em nossa abordagem, evidenciamos a incorporação da *redinha* enquanto uma *escolha técnica* que repercutiu mudanças nos modos como os *caranguejeiros* lidam com os *ambientes*, alterando um conjunto de relações. Pretendemos com isso entender as prerrogativas de uma maior *eficiência técnica*, de como o *caranguejeiro* deve agir enquanto tal. O uso das técnicas de coleta, o respeito ao órgão fiscalizador, o respeito ao Pai do Mangue, entre outras, somam um conjunto de ações próprias de uma moralidade do *caranguejeiro*.

As atividades de cata do caranguejo podem ocorrer o ano inteiro, mas isso não acontece totalmente, pois o regime de trabalho não é de dedicação exclusiva. Silvinha, por exemplo, além da cata do caranguejo, realiza a pesca com redes e planta na horta do seu *grupo doméstico*. Portanto, há um revezamento da atividade de coleta do caranguejo com outras atividades econômicas que complementam a renda familiar, como a pesca, a agricultura, construção (trabalho como pedreiro), dentre outros *bicos*, como eles chamam.

As oportunidades ocupacionais são poucas no município de Rio Tinto, as pessoas têm como opções a prefeitura, Estado e estabelecimentos comerciais, mas para a grande maioria desses empregos é exigido escolaridade. Assim, aqueles que não tiveram oportunidade de estudar contam com poucas ocupações para garantia de recursos, a exemplo do trabalho no corte da cana-de-açúcar e no mangue. Portanto, se autodefinir *caranguejeiro* não implica necessariamente em somente saber catar caranguejo.

Mesmo aqueles indivíduos que trabalham para as usinas canavieiras no corte da cana-de-açúcar cessam o trabalho quando termina o período de moagem, tendo que recorrer ao trabalho no manguezal. O trabalho nas usinas nesse sentido é sazonal, pois ocorre em algumas épocas do ano; isso faz com que haja

um revezamento entre as atividades voltadas ao interior do grupo e ao trabalho nas usinas.

Trabalhar no mangue em alguns momentos aparece como alternativa em relação à falta de oportunidades de emprego. No entanto, é preciso ressaltar que a atividade de cata de caranguejo não é meramente econômica, esses crustáceos não são apenas vendidos eles também podem ser doados a vizinhos, amigos e a parentes. O que indica uma rede de reciprocidade. Se não houver a doação, as pessoas passam a ser mal vistas por seus familiares e vizinhos, portanto, se trata de uma moralidade, uma obrigação.

O trabalho no mangue é visto como difícil, é sofrido, viver da maré/mangue é uma tarefa muito trabalhosa. Antigos *caranguejeiros* contaram que por causa da vida no mangue adquiriram problemas de saúde, principalmente problemas na coluna. Entre os riscos do trabalho encontram-se, sobretudo, a ameaça de animais como cobras e o incômodo dos mosquitos existentes no mangue; para afugentá-los, os indivíduos usam o repelente no corpo ou acendem o fogo, pois a fumaça afasta os mosquitos. Além disso, cortes, escoriações e dermatoses são comuns pela atividade em meio às raízes e em consequência do contato com as pinças dos caranguejos. No entanto, mesmo alguns *caranguejeiros* que não se dedicam mais à coleta afirmam sentir saudade do mangue.

Embora o sofrimento não seja critério constitutivo desta designação, acaba sendo um elemento que perpassa a vida daqueles que assim se consideram *caranguejeiros*, a relação estabelecida é simultaneamente de gratidão e de sofrimento. Apesar das lamúrias, os *caranguejeiros* agradecem por terem o mangue, pois é através deste *ambiente* que podem sustentar a família.

### **A denominação de legitimidade verdadeiro caranguejeiro**

Pode-se dizer que a categoria de *caranguejeiro* vem sendo acionada pelos Potiguara por ser uma atividade de provimento econômico do *grupo doméstico*, que ao mesmo tempo é utilizada como referência de identidade étnica. A este propósito, entre os Fur e os Baggara, justamente Barth (2000) havia observado como as atividades de comércio desenvolvidas pelos *nômades* Baggara era tomada como definidora de uma etnicidade, na relação que desenvolviam com os

agricultores Fur.

De acordo com o trabalho de Palitot (2005, p. 56) o significado da categoria *caboco caranguejeiro*:

Associa o recorte étnico a uma ocupação e a um determinado modo de utilização dos recursos naturais que combinava pesca com a agricultura familiar e o assalariamento complementar (reserva de mão-de-obra para um mercado local). Tudo isso dentro de uma relação que envolvia a disputa pelo controle do acesso à terra e a arregimentação de trabalhadores determinados por instâncias sociais e jurídicas herdeiras das antigas formas de organização dos aldeamentos e diretorias de índios.

Nesses termos a designação *verdadeiro caranguejeiro* surge como um fator de legitimidade em relação àqueles indivíduos que não dominam a técnica de captura nem os conhecimentos sobre o território. Portanto, essa expressão se relaciona ao indivíduo que realmente se dedica à cata de caranguejo, enquanto que o falso *caranguejeiro* seria aquele indivíduo que vai para o mangue (local de uso comum) somente na época de grande incidência do crustáceo, que é justamente o período de reprodução (a *andada*), período em aparecem pessoas de vários lugares para a cata do caranguejo, seja para a venda ou para consumo. Deste modo, essa atividade exige mobilidades específicas e o desempenho de um conjunto de aptidões em que múltiplos fatores são levados em conta. Como o exemplo do conhecimento da técnica e do *ambiente*, além da preservação e respeito aos recursos naturais, o *verdadeiro caranguejeiro* evita capturar as fêmeas, pois se preocupam com o futuro e temem a extinção dos animais o que acarretaria um grande prejuízo para o ecossistema, enquanto que aqueles que não são *caranguejeiros* não selecionam os animais nem pelo tamanho nem pelo sexo, ou seja, não se preocupam em preservar e cuidar do *ambiente*.

*Caranguejeiro* é aquele que conhece o mangue e sabe respeitar esse *ambiente*, bem como o *Pai do Mangue* que, como o próprio nome diz é quem reina no mangue. De acordo com os relatos de alguns de meus interlocutores, o Pai do Mangue é um homem de pele escura que fuma um cachimbo, navega e pesca em sua canoa. Algumas pessoas da aldeia Jaraguá têm devoção por esse ser, e fazem oferendas com cachaça, fumo, mel, entre outros, para que, dessa maneira, toda atividade que for realizada naquele *ambiente* seja protegida e por consequên-

cia bem sucedida. A crença e o modo como as pessoas interagem com esse ser interferem diretamente nas atividades realizadas de forma positiva ou negativa; para que a primeira forma seja almejada as pessoas devem sempre respeitar esse ser que habita o mangue, sob pena de castigo ou até mesmo morte. Isso cria, conseqüentemente, certos comportamentos morais que devem ser estimados e seguidos, provenientes de diferentes fluxos informacionais que atravessam esse universo de referência múltiplo e complexo que possuem os habitantes da aldeia Potiguara Jaraguá.

Portanto, as atividades realizadas pelos *caranguejeiros* estão intimamente relacionadas com o *ambiente*, não apenas no que diz respeito à produção, mas também a quadros morais de referência, onde se encontram questões relativas ao modo de se comportar, bem como de utilizar os recursos disponíveis. A dimensão moral que conduz essa relação é aprimorada pelos castigos e punições físicas aplicados, a que estão sujeitos aqueles que não cumprem as exigências demandadas pelos “donos” dos *ambientes*, sejam exigências que vão desde “não chamar palavrão no mangue e na mata”, ao respeito à pesca, à caça e aos elementos que compõem o meio ambiente como um todo. Desta maneira, é importante manter uma relação de proximidade e troca com os seres, o que demanda afinidade e respeito para garantir boas pescarias, caças e não se perder:

Isso é o Pai do Mangue que atrapalha qualquer um. Já ouviu falar de um tar de “Pai do Mangue? Esse é que atrapalha qualquer um. Se ele quer atrapalhar, ele atrapalha o cara, que o cara vai (...) que ele bota o cara onde ele quiser (...). O mangue de repente ficou estranho na vista da gente e não era aquele mangue que a gente tava mais, é outro. E a gente fica sem conhecer, não conhece mais nada. (Seu Zé Boto. Entrevista concedida em julho de 2013)

Assim, durante uma pescaria, não se deve perder a calma em respeito ao Pai do Mangue, caso contrário haverá punição, comprometendo a pescaria. Burlar este ser é muito perigoso; como fica evidente, esses seres podem ser benéficos ou maléficos para com os indivíduos, dependendo da estratégia de relacionamento adotada, mas também, e de modo marcante, da postura moral apresentada:

É isso tudo na maré, ôi. Na maré a gente nunca deve, se vê alguma coisa fique quieto, fique quentinho (...) Ôi meu compadre aí, meu compadre aí, ele foi pescar de rede, né? Aí disse que deu uma crise, meu Jesus, que só Deus acudia, aí ele disse que botou o pano de rede embaixo do braço... aí quando chegou lá

(...) Tava um cara sentado, disse: é melhor você ir pra casa, vá simhora vá, não trabalhe hoje não.

Aí, ele ficou com o pedaço de pano de rede no braço, pensando a crise que tava, sem nada coitado, né? E o cara chega pra trabalhar (...) Pra comprar um pão pros filhos, e o cara diz, é melhor você ir pra casa. E ele obedeceu, ele obedeceu e veio embora. Quis nem saber. Ele disse, que o cara moreno, né? (...) Tinha boa altura, né? Estava lá, né? ele disse que o cara normal que nem outro homem qualquer, ele disse que não conheceu quem era a pessoa (...) mas o cara logo de cara falou isso pra ele: melhor que ele viesse pra casa, deixasse pra ir amanhã. Agora coisa boa não podia acontecer com ele, né? (...) No outro dia ele voltou, também esse homem não viu mais, e conseguiu bastante, né? E conseguiu bastante porque ele respeitou, né? Era o pai do mangue. (Seu Zé Boto. Entrevista concedida em Julho de 2013)

(...) não são todos que respeita, tem gente que maltratada os animais sem vê pra quê. Então, esses pescador não respeita, o pai do mangue não gosta, que ele protege o mangue e defende os animais. Se você cuida bem do mangue e dos animais, você vai ter boa pescaria, ele ajuda até você a pegar. Se você vai maltratar olhe, ele se vinga de você, já vi tanto do pescador se perder no mangue, pra onde ia o lugar mais esquisito. (Silvinha. Entrevista concedida em Março de 2012)

Os indivíduos estabelecem relações com ecossistemas que são dominados por seres que podem ser perigosos. A relação com eles reveste-se de cuidados e intimidade, medo e gratidão, respeito e jocosidade. Esses seres podem *flechar* as pessoas, *botar olhado*, causando doenças, fazê-las ficar perdidas, surrá-las e até mesmo matar, levando o espírito da vítima para o seu *Reinado*. Contudo, também podem ser generosos e benéficos entregando as caças e os peixes nas mãos de seus parceiros prediletos (VIEIRA, 2012). Pessoas que com eles sabem se relacionar, lhes oferecendo aquilo que gostam: fumo, mel, perfumes. Portanto, se trata de experiências concretas, a existência desses seres não está em causa, eles fazem parte da vida cotidiana e devem ser levados em conta pelas pessoas que acessam seus domínios.

### Considerações finais

Este artigo permitiu avançar na compreensão do significado da categoria *caranguejeiro* e dos conhecimentos que se voltam à cata do caranguejo, assim como possibilitou perceber a dinâmica e as relações com o mangue, que envolve

competências e usos específicos.

Ser *caranguejeiro* não é apenas realizar uma atividade econômica, é preciso um conhecimento territorial que passa por moralidades e maneiras de se comportar no mangue, que é tido como meio de vida, *ambiente* que contempla a dinâmica das marés e que demanda conhecimentos apropriados. É também o local onde reina o *Pai do Mangue*, ou seja, a interação não está associada apenas ao fazer, ao trabalho, mas resulta também da interação com seres invisíveis. Todas essas experiências que envolvem o cosmos e os ensinamentos que são transmitidos a partir dos eventos, das crenças, dos fluxos culturais, das atividades tecno-econômicas e dos quadros morais, provêm de visões de mundo peculiares.

Nesse sentido, a coleta do caranguejo se configura, acima de tudo, como um modo de existência caracterizado por ricas e complexas relações entre os homens, seres invisíveis e o meio aquático. Nesse emaranhado ocorrem os processos de produção e transação de conhecimentos, a organização espacial, os sistemas de classificação e seus processos técnicos.

Os elementos levantados ao longo do trabalho permitem concluir que a interação dos *caranguejeiros* se dá por meio dos conhecimentos procedentes não apenas da experiência produtiva na busca por recursos, mas de um cuidado que gera uma relação de responsabilidade que acaba por ser um critério de legitimidade da categoria de *caranguejeiro*.

## Notas

1. Informação obtida a partir de dados do Distrito Sanitário Especial Indígena, o DSEI Potiguara do Ministério da Saúde.
2. O conjunto das aldeias constituem três Terras Indígenas (TIs) contíguas, perfazendo um total de 33.757 hectares. A TI Potiguara (população de 8.109 pessoas), a TI Jacaré de São Domingos (população de 449 pessoas) e a TI Potiguara de Monte Mór (população de 4.447 pessoas), cf. Cardoso et al (2012. p. 15).
3. Pode-se afirmar que estes são sempre formados por três ou quatro gerações, que mantêm entre si uma relação de cooperação (WILK et al, 1984).
4. Áreas do mangue onde há uma concentração de areia e serve como área de pesca (ARAÚJO, 2015).

## Referências

ARAÚJO, Marianna de Queiroz. *Entre terreiros, roçados e marés: Um estudo sobre a organização doméstica entre os Potiguara do Litoral Norte da Paraíba*. Monografia (Graduação em Antropologia) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2015.

\_\_\_\_\_, Marianna de Queiroz. *Ecologia doméstica e transação de conhecimento entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In LASK, Tomke (Org.), *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, pp. 25-68.

CARDOSO, Thiago Mota.; GUIMARÃES, Gabriella Casimiro. (Orgs.). *Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba*. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012. (Série Experiências Indígenas, n. 2)

INGOLD, Tim. Culture, nature, environment: steps to an ecology of life. In Ingold, Tim. (org.) *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge, 2000, pp. 13-26.

LEMONNIER, Pierre. *Technological choices: transformation in material cultures since the Neolithic*. London: Routledge, 1993.

LEROI-GOURHAN, Andre. *Evolução e técnicas I: O homem e a matéria*. Lisboa: Edições, 1984.

\_\_\_\_\_. *L' uomo e la matéria*. Milano: Jaca Book, 1993.

MURA, Fabio. *Habitações Kaiowá: Formas, propriedades técnicas e organização social*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS do Museu Nacional-UFRJ. Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de Antropologia da técnica e da tecnologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n.36, jul/dez. pp. 95-125, 2011.

PALITOT, Estevão Martins. *Os Potiguara da Baía da Traição e Mont-Mor: his-*

*tória, etnicidade e cultura*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

SILVA, Alexandra Barbosa da. Entre a aldeia, a fazenda e a cidade: ocupação e uso do território entre os Guaraní de Mato Grosso do Sul. *Tellus*, Campo Grande, ano 9, n.16, jan/jun, 2009, pp.81-104.

WILK, Richard; NETTING, Robert; ARNOLD, Eric. Introduction. In R. McC. Netting; R. R. Wilk; E. J. Arnold (editors), *Households. Comparative and historical studies of the domestic group*. Berkeley: University of California Press, 1., 1984, pp.13-38

VIEIRA, José Glebson. *Amigos e competidores: política faccional e feitiçaria nos Potiguara da Paraíba*. Tese. São Paulo: USP, 2012.

## **Social formation of caranguejeiro category among the Potiguara of Jaraguá village in Monte-Mór, PB**

### **Abstract**

Among the Potiguara of the village Jaraguá, *caranguejeiro* is thus known the individual who collects crab in the mangrove. The *caranguejeiro* have the knowledge of the technique of catching the crustacean and know the territory as well as the operation of the tides, they consider that their identity is not defined only by the practice of collection, that is, they are not mere economic criteria, besides they are the knowledges, doings and morals, which relate to the ways of behaving in the environment. This set of elements that constitute the category *caranguejeiro* relates to the field of the transaction of knowledge, transmitted from father to son as elements shared and constructed socially.

**Keywords:** *Caranguejeiro*; Indigenous Ethnology; Identity; Indigenous Potiguara; Territory.

## La constitución social de la categoría caranguejeiro entre los Potiguara de la aldea Jaraguá en Monte-Mór, PB

### Resumen

Entre los Potiguara de la aldea Jaraguá, *caranguejeiro* es así conocido el individuo que recoge cangrejo en el manglar. Los *cangrejos* poseen el conocimiento de la técnica de captura del crustáceo y conocen el territorio así como el funcionamiento de las mareas, consideran que su identidad no es definida sólo por la práctica de la recolección, o sea, no son meros criterios económicos, los saberes, las cosas y las moralidades, que se refieren a las maneras de comportarse en el ambiente. Este conjunto de elementos que constituyen la categoría *cangrejo* se relaciona al campo de la transacción de conocimientos, transmitida de padre a hijo como elementos compartidos y construidos socialmente.

**Palabras clave:** *Cangrejo*; Etnología Indígena; La Identidad; Indígenas Potiguara; Territorio.

Recebido em 22 de abril de 2018

Aceito em 11 de julho de 2018